VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA

Kátia Margareth Lins da Silva
Luciana Barbosa Santos

RESUMO

O texto traz a análise da problemática da violência física na escola, existente na relação professor-aluno e aluno-aluno. Especialmente na escola em que atuamos, identificamos fatores que motivam essa violência. O artigo destaca esse fenômeno através de uma abordagem com bases teóricas confrontadas com a prática pedagógica. Para efeito deste trabalho utilizamos a análise bibliográfica e análise de dados com a pesquisa de campo numa escola particular, confrontando as observações das atitudes durante várias semanas da prática pedagógica com as teorias estudadas. A busca de alternativas que possam transformar esse quadro de violência é fundamental. Não basta castigar, pois esse tipo de medida não favorece uma reflexão sobre os atos praticados. Através de um ambiente de diálogo, pode-se discutir esses conflitos coletivamente junto aos professores, pois o respeito pelo outro deve prevalecer. E a escola é indispensável no aprendizado dessa virtude.

Palavras-chave: Violência. Escola. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a problemática da violência no âmbito escolar. Não podendo ser considerado, um fenômeno recente, pois, esteve presente em toda a história da humanidade, ainda que com características e particularidades diferentes em cada época. Entretanto, tendo em vista o seu crescimento alarmante, aumentam as pesquisas, os estudos e debates, assim como a preocupação com este problema.

Em termos conceituais, a agressão pode ser entendida como um contato físico, não necessariamente violento, mas que possui um efeito de imobilidade. Considera-se violência " tudo que é capaz", de imprimir sofrimento ou destruição do corpo do homem, bem como o que pode degradar e causar transtornos à sua integridade psíquica (MORAIS, 1985, p.83). Ela seria a manifestação aberta, explícita, brutal da agressividade, adquirida pelo aprendizado, devido ao processo de repressão da agressividade normal e sadia do homem. A violência é um fenômeno multidimensional e, para compreendê-lo, é preciso ter presente diversos fatores, tornando-se imprescindível, assim, relacionar os problemas macrossociológicos (econômicos e sociais), a fim de entender suas causas.

Estudando a realidade brasileira, percebe-se que, a partir do início da década de 1970, iniciaram os primeiros sinais da chamada violência urbana. Através do êxodo rural que fez com que pessoas desqualificadas se amontoassem nas cidades se refugiassem nas regiões periféricas, tendo como conseqüência a superpopulação dos grandes centros, agravando a crise social.

Os estudiosos em sua maioria, consideram o inchamento das grandes cidades, o favelamento, o desemprego, entre outros problemas que contribuem para o contexto da violência e a escalada da criminalidade e o clima de insegurança que paira sobre os grandes centros urbanos seria resultados dos fenômenos acima citados

Em nossa experiência como professoras em sala de aula, temos observado a crescente violência física por parte dos alunos com os colegas na escola. Preocupadas com essas manifestações de violência, procuramos analisar como a relação professor-aluno e aluno/aluno vem sendo construída no dia-a-dia de nossas atribuições profissionais especialmente, na escola na qual atuamos.

Em decorrência dessa violência, o desempenho cognitivo e escolar dos alunos vem sendo influenciado, através da indisciplina, baixa auto-estima, dificuldade de leitura e interpretação de texto, notas baixas e como conseqüência a repetência. Assim como na capacidade de interagir com os colegas. Com base nessa experiência e apoiadas na literatura específica do assunto, procurarmos caracterizar como os autores atuais elucidam a questão sobre a violência na escola. Observa-se atualmente uma enorme preocupação de pais e educadores com as diversas expressões da violência no interior das escolas. Nesta perspectiva, procuramos pesquisar os fatores que levam os alunos a praticarem a violência física presente no cotidiano escolar, que tem contribuído negativamente no processo de aprendizagem dos mesmos.

Para a realização da pesquisa será utilizada a técnica de pesquisa bibliográfica. Cuja investigação será garantida a partir da prática pedagógica. Ruiz (1996, p. 50) afirma que a pesquisa descritiva consiste numa caracterização do problema, de sua classificação e sua reta definição.

Essa pesquisa será realizada em uma instituição particular. A instituição funciona em dois turnos (matutino e vespertino). Há uma maior manifestação da violência entre alunos/alunos, do Ensino Fundamental (6º a 9º ano).

Os principais motivos e fatores que levam à violência física serão analisados neste trabalho, o qual traz como contribuição uma reflexão acerca das práticas e das relações que são formadas no interior da escola investigada.

FATORES QUE LEVAM À VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA

Segundo Monroe (2010), mergulhar nas causas do fenômeno da violência é um bom começo para ir além do choque. De início, é preciso lembrar que a agressividade tende a andar com a juventude, uma fase de descoberta também dos impulsos violentos.

Na puberdade, o contato físico é uma maneira inconsciente de explorar a pele do outro. Essa atividade envolve uma experimentação que pode ganhar formas mais ríspidas, sem necessariamente indicar descontrole ou intenção de humilhar. Mas por que os jovens estão tão violentos? Entender o fenômeno é o primeiro passo para preveni-lo. Exemplo disso são lutas simuladas e outras “brincadeiras de mão” típicas da fase. Os meninos da escola começam com umas brincadeiras de lutinha... Dão tapas e soco... Ficam passando rasteira uns nos outros. A maioria das meninas acha idiotice, mas eles gostam porque querem mostrar que são homens e agüentam a brincadeira... O vencedor fica se achando o fortão.

Na instituição particular investigada um estudante de 13 anos foi agredido com um tapa no rosto em sala de aula, outro de 13 anos foi agredido com uma pedrada na cabeça por um colega de sala de aula na saída da escola e outros dois alunos, um com 12 anos e o outro com 11 anos trocaram tapas e socos, na hora da saída. Forçando a direção da escola, a tomar uma atitude, como a de proibir a formação de grupos de alunos, nas proximidades da escola. A impressão de que casos como esses têm se tornado cada vez mais comuns é confirmada pelas últimas estatísticas.

Segundo Monroe (2010), no estudo do Mapa da Violência 2010, um levantamento do Instituto Sangari, em São Paulo, toma como base a taxa de homicídios dos 5.564 municípios brasileiros, entre 1997 e 2007 o total de assassinatos entre jovens de 14 e 16 anos aumentou 30% - o maior crescimento entre todas as faixas etárias. Atônitos, pais e professores se perguntam: o que fazer para reduzir essa escalada.

Mudanças fisiológicas também explicam parte da agressividade. Na passagem para a adolescência, o centro de recompensa, área relacionada à produção de serotonina (neurotransmissor responsável pela sensação de bem-

estar), é reduzido à metade. Como os níveis da substância caem, o adolescente tem mais dificuldade em ficar satisfeito – daí vem a irritabilidade que marca o período. Inclinado à impaciência, ele pode se alterar com qualquer contrariedade. Exemplo disso, brigam por causa de um empréstimo de caneta que não foi devolvida, algum material escolar, passar à frente do colega na fila da compra do lanche, de beber água e ir ao banheiro, qualquer pretexto torna-se motivo de agressão física.

O ambiente social também influi. A começar pelas características de gênero (que se referem aos papéis culturais que a sociedade atribui a homens e mulheres). Um exemplo: a partir do momento em que um garoto desafia o outro numa briga, a recusa é vista como uma falta de virilidade, já que a dominação e o perigo são tidos como características masculinas. Isso ajuda a entender porque 90% das agressões em ambiente escolar são cometidas por meninos. Pode-se verificar na instituição investigada essa porcentagem de meninos envolvidos.

As mulheres por outro lado, voltam-se mais à violência psicológica do que a física. Se o processo de emancipação feminina trouxe inegáveis avanços na igualdade entre os sexos, um subproduto nocivo foi que elas também se apropriaram de características antes exclusivamente masculinas. Como resultados, muitas brigas de meninas também se tornam brutais como uma aluna de 13 anos trouxe um amigo que estava armado com um canivete para esperar alguém que estudava com ela, para tomar satisfação, na hora da saída.

Monroe (2010) aponta que pesquisas recentes sugerem que o ambiente familiar é um dos fatores que mais influenciam condutas agressivas. “Pais que se colocam sempre em condição superior aos filhos tendem a transmitir esse comportamento. Respeito não se ganha com o medo”, afirma Sônia Maria Pereira Vidigal, pesquisadora do Grupo de estudos e Pesquisa em educação Moral da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

No outro extremo, um comportamento permissivo demais também pode deixar os jovens irritadiços quando alguém resolve finalmente, estabelecer limites. (MONROE, 2010, p. 98). Exemplo disso são pais que não acompanham o desenvolvimento escolar dos filhos, que são agressivos, querem bater os filhos dentro da escola, humilham na frente dos outros colegas e professores, gritam e ofendem com palavrões, ou não comparecem quando solicitados na instituição. Outras situações são geradas de alunos que já foram expulsos de outras instituições

privadas, causam conflitos durante as aulas e os intervalos. Estes derivam de famílias onde tudo é permitido.

Claro que não estamos descrevendo uma equação exata: nem toda família rigidamente autoritária ou excessivamente condescendente será berço de adolescentes agressivos. Há os que sofreram abusos e cresceram sem uma referência de pai e mãe, mas são pacíficos. De forma semelhante, muitas pessoas que vêm de família tranquilas se tornam hostis. Isso ocorre porque outras referências entram em cena. Se o jovem tem como ídolo um professor que realiza um bom trabalho, pode se espelhar nele. No reverso da moeda, o foco de sua atenção também pode ser um traficante em busca de poder.

É preciso ter cautela para evitar exageros ao buscar explicações para qualquer tipo de comportamento. Games e filmes violentos, por exemplo, não são responsáveis por surtos de agressividade. “No máximo, se somam a outras influências do meio e reforçam tendências já existentes“ argumenta Vanessa Vicentin, doutora em psicologia escolar e de desenvolvimento humano pela Universidade de São Paulo-USP. De acordo com os especialistas, mais perigoso é o incentivo ao consumo desenfreado, que se tenta igualar à própria felicidade. “Do ponto de vista da violência, isso é bastante nocivo: adolescentes que se revoltam por não terem o que querem podem optar pela criminalidade para conseguir seus objetivos” diz Vanessa. (MONROE, 2010, p.98).

Como local mais comum de contato social fora do lar, a escola sempre foi palco de manifestações de agressividade. As soluções mais recorrentes não vingam porque muitas instituições enfrentam a violência apenas com punições. Às vezes, a resposta é tão simplista ou repetitiva que a turma já adivinha como será castigada e, em vez de parar com a violência, passa a prever as próximas atitudes considerando as conseqüências da pena. A escola solicita a presença dos pais, o aluno briga novamente e sempre chamando a mãe ou o pai, quando estes são presentes na vida do filho. Na escola investigada, He quatro alunos que vieram de outras instituições e recebem punições como fazer cópias, suspensão, ficar sem intervalos, mas continuam fazendo as mesmas coisas de antes.

Segundo Menezes (2009), nestes tempos difíceis somos desafiados a compreender por que se repetem episódios de agressão nas escolas e contra elas. Nós educadores, devemos rejeitar diagnósticos simples e superar propostas de mera repressão, pois sabemos que a escola não é uma ilha apartada do contexto

social e tudo o que nela ocorre tem também caráter educacional. Nesse sentido, ora vemos seus problemas serem resolvidos em ambientes de diálogo, ora percebemos que impera o descontrole de conflitos. Distinguir essas duas situações pode evitar que um espaço de trabalho se degenere e venha se tornar agressivo e violento.

É falsa a generalização de que se possa creditar a violência à pobreza, pois há unidades da rede pública em áreas de risco que fazem um ótimo trabalho ao lado de outras que se omitem atrás de desculpas. As primeiras aprenderam a lidar com casos de gravidez na adolescência, com o abuso de drogas e com dificuldades na aprendizagem por maus tratos domésticos, e isso sem abrir mão de que as aulas sejam de fato dadas e nelas os estudantes se envolvam e se desenvolvam, habituando-se a conviver com regras claras e compreendidas por todos. Essas instituições reconhecem suas dificuldades educacionais ou sociais enfrentadas no dia-a-dia nas mesmas condições adversas em que outras sucumbiram e provavelmente por isso não são cenários de violência entre as pessoas ou contra suas instalações.

Quando a escola tem esse saudável compromisso com sua função social, pode receber tensões do entorno e se deparar com os mesmos problemas que outras, mas os ataca para que não se tornem crônicos e não permite que essa atmosfera negativa contamine o convívio e as relações de aprendizagem. Não se trata de maquiar desigualdades que precisam ser enfrentadas na escola e fora dela ou glorificar a pobreza, mas reconhecer o bom combate da Educação travado nas circunstâncias em que ele é mais difícil. A isso se chama de paz.

Segundo Dimenstein (1997), fatores como polícia ineficiente ou corrupta, pobreza, má distribuição de renda, desemprego, aumento do narcotráfico, descrença na justiça, valorização dos esquadrões da morte são fortemente responsáveis pela dificuldade de erradicação da violência urbana.

As brigas e agressões entre alunos sem dúvida são fatos mais presentes nos relatos de educadores. Alunos e pais, em alguns aspectos, mantem uma íntima relação com a depredação escolar. Roubos, insultos, brigas, exploração dos mais novos pelos mais velhos são atos que, de tão freqüentes no cotidiano escolar, acabam por serem banalizados ou tidos como manifestações “normais” da idade ou da condição sociocultural e econômica do jovem.

Assim, mesmo sendo uma modalidade de violência cujas raízes situam-se além dos muros da escola, observa-se que ela afeta, diretamente, a vida escolar,

cabendo, portanto, à instituição buscar alternativas que possam transformar tais relações.

Para os especialistas, suspensões e expulsões geram apenas um medo temporário pelo castigo. A falha é que elas não levam o agressor a refletir sobre a necessidade das regras nas relações. “Essas medidas não são educativas e vão contra o objetivo de formar pessoas autônomas”, aponta Telma Vinha, professora do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Se um aluno é mandado para outra escola sem entender a gravidade do que fez, aumentam as chances de que o comportamento se repita por lá”, completa. (MONROE, 2010, p. 99).

Dependendo da gravidade do caso, é preciso acionar órgãos como o Conselho Tutelar e mesmo a polícia. “Mas isso deve ocorrer apenas quando a segurança está fortemente ameaçada, com um aluno portando arma, por exemplo”, afirma Telma. (MONROE, 2010, p.99).

Na maioria dos casos, entretanto, é mais adequado criar um ambiente de diálogo. Organizar assembléias para discutir conflitos coletivamente, providenciar a mediação de profissionais da escola para desentendimentos pessoais e reservar momentos de reflexão em sala também é uma possibilidade para prevenir futuras agressões.

Se mesmo assim a violência der as caras, será preciso firmeza para mandar a mensagem certa. Uma providência importante é nunca relativar o problema (em muitas escolas, se a agressão ocorre com o professor, age-se na hora, mas, se o caso envolve o aluno, ele é entendido como “coisa da idade”). O correto é ensinar que todos, sem exceção, precisam respeitar o outro, independentemente de quem seja e do comportamento que adote. Um aprendizado fundamental não apenas na trajetória escolar, mas para resto da vida.

VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA

De acordo com Oliveira (2002, p. 212), a escola é um lugar que abriga relações sociais ricas em características próprias, individuais e de classe, local de trocas, de vivências e experiências, também lugar de conflitos, contradições e arbitrariedades. E essas relações não deixam de compor o reflexo de uma estrutura maior.

Os alunos que estudam na instituição investigada, residem no mesmo bairro onde está localizada a escola. A grande parte desses alunos é proveniente de pais separados, alguns não assumidos pelo pai e criados pelas avós. Outros provem de famílias desestruturadas.

Através das observações coletadas durante várias semanas, percebe-se durante os intervalos das aulas, algumas brincadeiras, onde sobressaem tapas, chutes, pesadas, empurra-empurra, xingamentos com palavrões e apelidos, e até mesmo a quebra de algumas carteiras, em sala de aula. Alguns depredam parte do banheiro, como os espelhos, que pintaram com tinta e pincel, quebraram a ferrolho da porta, utilizam de força e quebram a descarga, deixam a torneira ligada, fazem até xixi dentro do cesto de lixo.

Durante as aulas os professores têm bastante dificuldades de disciplinar alguns alunos, visto que os mesmos interrompem a aula insultando os colegas, e até mesmo o professor, quando não agridem os colegas em plena aula, com tapas, interrompendo as aulas a todo instante. Observa-se que alguns professores têm que intervir entre alguns deles para que não se agridam. Até que o professor solicita a presença do coordenador, na sala de aula, para que esse venha tomar as medidas cabíveis, seja através de diálogo ou um termo de conduta, na qual solicita a presença dos pais ou responsáveis na escola.

Entretanto, a forma comum de violência física se dá durante a saída da escola. Um estudante de 13 anos foi agredido com uma pedrada na cabeça por um colega de sala, tinham iniciado as provocações durante as aulas e outros dois alunos, um com 12 anos e outro com 11 anos trocaram tapas e socos. Outro fato relevante foi sucedido durante a saída, um dos alunos jogou uma pedra contra um carro que estava transitando próximo a uma das Avenidas, pois o mesmo alegou

que foi provocado primeiro por um estudante de outra instituição que estava dentro do transporte, provocando a quebra do vidro da janela do automóvel. Foi necessário que a direção da escola tomasse uma atitude e se responsabilizasse pelo ocorrido.

Ouvimos alguns professores da instituição, que nos relataram a dificuldade quanto à questão da indisciplina dos mesmos alunos que se envolvem sempre em confusões. Disseram que a família é sempre ausente ou condescendente com os filhos. Raramente há pais ou avós que corrigem os filhos ou netos. Não acompanham os filhos nas atividades pedagógicas, deixando a mercê de outras pessoas a educação e formação de valores.

Portanto a escola por sua vez, não consegue achar alternativas que possam transformar essa violência, seja através do diálogo ou assembléias que envolvam os professores, pois afinal eles também são vítimas.

Por ser uma instituição particular, nota-se que há uma pressão por parte dos pais, por acharem que pagam e seus filhos podem tudo. Por sua vez a instituição teme em perder esses alunos.

Diante destes fatos, a escola e todos que a compõe sobrevivem carregados de angústias, medos e conflitos. Por outro lado aqueles que a freqüentam trazem o seu contexto social para dentro dela, com a esperança de melhorar atitudes e favorecer a paz através da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises deste trabalho mostraram que a violência física na escola emerge de diversos fatores. O contexto social dos alunos, da comunidade, como também as mudanças fisiológicas nos adolescentes explicam parte da agressividade. O ambiente familiar também influi, a começar pelas características de gênero, a ausência dos pais, tem contribuído fortemente para a expansão da violência física na escola.

Observa-se que é preciso buscar alternativas que possam transformar essas relações de violência. Não basta somente castigar, já que essa medida não leva o aluno a refletir sobre seus atos. Através de um ambiente de diálogo, com assembléias e a sensibilização de atitudes de cidadania é possível discutir esses conflitos coletivamente, alimentando o sentimento de respeito pelo outro, considerando aspectos da convivência, no sentido de entender o que é individual e o que é coletivo numa sociedade verdadeiramente justa.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e Violência.** Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Aprendiz do futuro:** cidadania hoje e amanhã. São Paulo: Ática, 1997.

MENEZES, Luis Carlos. A violência pode dar lugar à paz. **Revista Nova Escola.** Ano XXIV, n. 220, mar. 2009. p.98.

MORAIS, Régis de. **O que é violência urbana**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

MONROE, Camila. Pau. Pedra. É o fim? **Revista Nova Escola.** Ano XXV, n. 235, set. 2010. p. 96-99.

OLIVEIRA, Zilda Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica:** guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.